

## CORPO E LEITURA LITERÁRIA EM PERSPECTIVA

*BODY AND LITERARY  
READING IN PERSPECTIVE*

Matteus Melo<sup>1</sup>  
(Uporto)

**RESUMO:** Ler literatura é antes de tudo um processo de disposição do corpo a partir do acordo estabelecido entre leitor e fantasia, quando se entende que o ato e a consumação da leitura literária realizam-se no corpo. Tomando como referência algumas discussões no campo da leitura, proponho, neste breve ensaio, assinalar a importância da presença de um corpo muitas vezes ignorado nas práticas de leitura e ensino da literatura.

**PALAVRAS-CHAVE:** Corpo; Leitura; Leitor; Mediação; Percepção.

<sup>1</sup> Doutorando em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal (Uporto). Mestre em Artes, na área de Artes Cênicas, pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas, Brasil (UNICAMP). Atuou como professor interino em disciplinas de Literaturas e Estágio Supervisionado em Literatura na Universidade do Estado do Mato Grosso, Brasil (UNEMAT). *E-mail:* melodramattus@gmail.com

**ABSTRACT:** Literature reading is, above all, a process of disposition of the body based on an agreement established between reader and fantasy, once understood that the act and the consummation of literary reading take place in the body. Considering some discussions in the field of reading, I propose, in this brief essay, to point out the importance of the presence of a body often ignored in the practices of reading and teaching literature.

**KEYWORDS:** Body; Reading; Reader; Mediation; Perception.

*Coração-corpo  
Tão dilatado  
Pulsando espesso.  
(Hilda Hilst)*

Não se trata apenas de reafirmar a importância da leitura literária, mas também de buscar compreender a estreita relação entre o ato de ler e o corpo do leitor, sem pretender reformular quaisquer conceituações sobre o primado que intenta marcar autor, texto e leitor. Vale lembrar que as inúmeras considerações de que a leitura de literatura é indispensável à formação do sujeito, além das inúmeras particularidades de competência da leitura, estão muito bem aparadas pelo material crítico que costuma ocupar prateleiras de livrarias e bibliotecas dos cursos de Letras e Educação. Bastaria evocar o elogio de Antonio Candido (2004) ao falar da literatura como uma necessidade universal que deve ser satisfeita, porque além de nos libertar do caos concede forma aos sentimentos e amplia nossa visão de mundo, e o fazendo, modela nossa personalidade, nos humaniza.

Soma-se ao valor conferido à literatura de ficção – prosa, poesia e drama; esta última já quase em desuso nas rodas de leitura escolar –, um cabedal de produções críticas sobre as práticas e modelos de leitura que numa constante se redescobrem e se reatualizam provocando novas reflexões a respeito das finalidades

e resultados dessas práticas e modelos, além das formulações que categorizam tipos específicos de leitores – leitor implícito, leitor vítima, leitor subjetivo... – no intuito, suponho, de melhor compreender tipos de comportamento e gosto.

Este exercício de reflexão e escrita se manifesta na interface entre corpo e leitura literária, partindo do pressuposto de que a disposição dos sentidos do corpo em contato com a obra de literatura, favorece a recepção dos afetos que afloram dessa leitura e confirma no corpo do leitor seu lugar primordial de consumação. Da ideia de não haver leitura distanciada, indiferente e parcialmente desvinculada do corpo, sobretudo quando não se considera a cisão entre corpo e mente, o corpo se configura como o campo primordial de percepção e recepção que, por meio do processo da leitura – do leitor como operador da ação de ler –, faz fecundar as emoções que o texto literário pode suscitar, o “materializa”.

Não se trata de novas abordagens sobre a importância da leitura literária, mas de perceber a importância da prática da leitura ficcional em relação estreita, e íntima, com o corpo do leitor. Posto isto, partirei de dois questionamentos preliminares: i) como se institui a relação entre corpo e leitura? e ii) como o corpo pode desempenhar papel fundamental no processo da leitura e de sua mediação? Os fins a que se pretende é o de reconhecer a importância da presença de um corpo muitas vezes ignorado nas práticas de leitura e ensino da literatura. Para tanto, assumo a proposição da ideia de um corpo como extensão do texto literário.

## **Uma vivência corporal**

Corpo-linguagem, corpo-sentimento, corpo-imaginário. A ideia de pensar o corpo físico como sendo a somatória de vários outros corpos, como sugere Rildo Cosson (2016) – e que a ausência de exercícios podem acarrear no atrofiamento desses corpos – me parece,

também, bastante consistente que se figure a ideia de um corpo-palavra, quando a prática da leitura literária se revela como um exercício sensível e determinante para o desenvolvimento da linguagem como matéria constitutiva do mundo, já que “a palavra é a mais definitiva e definidora das criações do homem” (p. 16), o princípio criador, o verbo – *logos*, do grego – que torna o mundo, mundo, e faz ser como são todas as coisas. A palavra é a matéria constitutiva da literatura, e a leitura sua perfeita e única forma de realizar-se: um triplo potencializador da linguagem, um exercício de prevenção contra o atrofiamento das emoções e do raciocínio crítico.

Estudiosos das teorias da leitura que avançaram no abrumado território da tríade, autor, texto e leitor, formulando e reformulando o sulco crítico da mistura de ideias que resulta em novas teses e, por consequência, na refutação dessas teses por parte de outro grupo de estudiosos – suponho que, também, para superar obstáculos inibidores da leitura frente aos desafios de ser leitor na vida escolar/acadêmica –, findaram por arrogar à leitura literária a um fenômeno de vivência que expande a esfera do cognitivo e social, um bem indispensável à vida, ainda que os estudos literários tenham dedicado ao leitor um lugar variável, ora ignorando tudo do leitor, ora valorizando-o a ponto de identificar a literatura à sua leitura: dois polos de posições antitéticas (COMPAGNON, 2010).

Isso evidencia que os modos operantes de realização da leitura e da atuação do leitor literário assumem pontos de vista distintos, e seria delicado, dada à expansão das conceituações e modos de leitura, restringir o olhar elegendo um único modelo definidor para exercê-la, ou conferi-la a uma teoria da leitura de fôlego tão extraordinário como se fosse capaz de preencher a lacuna histórica da defasagem de práticas de leituras pouco produtivas, e repará-las – mesmo considerando o ideal de leitura.

Da finalidade da teoria, Antoine Compagnon (2010, p. 255) ressalta que ela “é feita para ser atravessada, para que se saia dela, para se fazer um recuo, não para recuar”. Isso significa dizer que as

teorias da leitura não devem limitar-se cada uma a seu reduto particular, como um núcleo rígido de práticas fechadas *per se*, a serem observadas isoladas de outras possíveis experiências com a Literatura. Nisto consiste a sugestão de *se fazer um recuo*: pôr-se em estado de observação, uma pausa a propósito de novos experimentos, um recuo para alcançar novos horizontes de percepção teórica e prática, *não para recuar*: retroceder, abandonar as experiências em curso, estagnar-se.

De acordo com Wilson J. Leffa<sup>2</sup>, é possível pensar as teorias e ramificações no campo de estudo da leitura, a partir da organização de três grupos específicos, sendo que para o primeiro grupo o texto é apontado como o objeto de onde a leitura extrai o sentido; o segundo, por sua vez, toma o leitor como centro da leitura; por fim, o terceiro o considera tão importante quanto o texto. Por outro lado, suponho que seja mais proveitoso estabelecer uma relação dialógica das teorias da leitura ao considerar as várias e possíveis práticas de leitura, sem incorrer na ingenuidade de limitar as possibilidades de afeto que a leitura do texto literário é capaz de suscitar no leitor, justamente porque a própria experiência da leitura é dual e ambígua, como assegura Compagnon (2010), e está intrinsecamente relacionada com o corpo, como afirma Paul Zumthor (2007) ao interrogar sobre qual a função do corpo na leitura e na percepção do literário – a propósito de nosso primeiro questionamento introdutório.

Vejamos, assim como “a ficção feita palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da linguagem quanto do leitor [...]” (COSSON, 2016, p. 17), a leitura, em processo de efetivação, é quem firma a relação indissociável, marcadamente singular, e subjetiva do texto literário com o corpo do leitor ao evocar a postura física e o acordo necessário para que este acesse o universo da fantasia.

Não! O corpo não assume diferentes posturas para ler os variados tipos de gêneros textuais, mas não se pode negar que a

postura adotada pelo corpo na leitura de um panfleto publicitário, receituário ou jornal, não se assemelha à postura adotada para a leitura de uma obra literária. Por diversas vezes, em sala de aula, pude perceber a postura assumida pelo corpo do aluno-leitor entre a leitura de um texto teórico e de um texto literário, sobretudo quando se trata de leitura coletiva. No caso do texto literário, um preparo do corpo antecede o ato de ler: um ajuste vocal, geralmente identificado por um pigarreio, um apresto na voz à procura do tom, pés e pernas “se organizam” aleatórios, a coluna apruma-se mesmo que volte a envergar-se sobre o livro, o corpo se ajusta ao assento; por mais que pareça não fazer sentido, afirmo que se trata da compreensão do corpo ao se perceber em contato com o objeto ficcional – instaura-se um novo clima, um frisson.

Arrisco dizer que a postura adotada pelo corpo figura bem o acordo entre leitor e o ato de ler literatura, ao entender que o texto literário é da ordem do imaginário e que, por isso mesmo, evoca do corpo uma espécie de ritualização simbólica para acessar o universo poético da fabulação, como reconhecendo que para explorar este universo é preciso estar pronto: entrar no jogo e ser parte do jogo. Ao ler literatura, o corpo não só compreende das possibilidades de agregar-lhe conhecimento como ainda de desfrutar as multiformes de prazer (MELO, 2018).

Mas do modo como todo corpo físico passa por um processo de adaptação quando condicionado a determinados exercícios, a leitura literária é também um exercício para a qual precisamos adaptar nosso corpo/mente – aludindo à ideia de um corpo-palavra mencionada no início deste tópico. Toda e qualquer leitura exige do corpo uma medida de esforço, mas é a leitura literária quem o afeta de forma estética e sensível – não cuido, em levantar questões de natureza estética, ou de uma experiência estética, apenas acerco-me do sentido comum do termo como sendo uma ação/efeito de perceber: *ler* é da ordem da percepção. Por esse viés, afirmo que tal esforço não deve ser anulado por uma condição do gosto ou do

mais fácil, como se o agradável no exercício da leitura isentasse o corpo de um mínimo empenho: “uma obra literária de narrativa mais consistente – que exige do leitor uma medida de esforço – não anula o prazer da leitura” (MELO, 2018, p. 86).

É preciso considerar a presença do corpo como parte igualmente fundamental no ato de ler literatura, porém alguns poucos pensadores das teorias da leitura têm o corpo em perspectiva. Ora, se entendo que cada corpo é único em sua individualidade, qualquer sensação que o afeta, o afeta também nessa relação de individuação pelos efeitos sensíveis acesos na leitura, pois cada corpo responde de maneira singular e subjetiva aos estímulos que a leitura literária provoca. Afirmo em acordo com Zumthor que “o corpo é o peso sentido na experiência que faço dos textos. Meu corpo é a materialização daquilo que me é próprio, realidade vivida e que determina minha relação com o mundo” (2007, p. 23).

Obviamente que seria de extrema importância demarcar os limites de referência entre leitor e corpo, mas julgo que tal discussão mereceria uma atenção maior e mais profunda no que se refere à definição dos termos e suas funções. Para este momento, em que persisto alcançar respostas para as inquietações que movem este ensaio, bastaria diferenciá-los da seguinte maneira: leitor – aquele que lê e confere sentido; corpo – lugar de afetação, lugar das percepções sensoriais.

A leitura integra o corpo ao texto literário, tanto quando o condiciona a assumir uma postura distinta na maneira de como a leitura deve ser conduzida, devido ao seu comprometimento em perceber o poético, quanto o pré-dispõe a “sofrer” os efeitos que o texto de ficção, somente, é capaz de suscitar no corpo do leitor. Zumthor (2007) chega a dizer que na sua leitura do texto poético de onde extrai prazer/alegria está aí parte de seu corpo. Ao estreitar a relação dessa experiência com a minha experiência como leitor, consoante à Zumthor (2007), além de minhas vivências e pesquisa no ensino da literatura, devo assegurar que no processo de efetivação

da leitura, o corpo se torna uma extensão do texto literário, ainda que figurativamente.

O poético, dispositivo característico do texto literário, afeta a sensorialidade do corpo em resposta aos estímulos que os elementos próprios à escrita ficcional evocam. O corpo se dispõe ao encontro com sentimentos/emoções: inquieta-se, jubila, chora, vibra, age – abre-se a ideias que o impulsiona às ações, vivifica-se etc. O corpo figura-se como o “território” onde a leitura poética se “materializa”; o corpo torna-se a extensão da obra, sua continuação no mundo representado pela escrita literária, e essa ideia de materialização deve pressupor o lugar do imaginário onde o discurso literário, em sua concepção poética, arquiteta-se a partir dos elementos que o constitui. Pois que eminentemente em uma semântica poética que abarca o mundo, segundo Zumthor (2007, p. 77-78), “o corpo é ao mesmo tempo o ponto de partida, o ponto de origem e o referente do discurso. O corpo dá a medida e as dimensões do mundo [...]. É por isso que o texto poético *significa* o mundo. É pelo corpo que o sentido é aí percebido”. É por isto, o corpo, o território primordial para a recepção do poético-literário.

Um corpo-território, portanto, não deve ser visto como um aparte nas práticas de leitura e ensino da literatura – não pode ser apagado ou posto à margem do próprio ato de ler, posto que a leitura integra o corpo ao texto de literário, fazendo do corpo do leitor uma extensão da obra. Posto isto, considero três aspectos possíveis de ilustrar essa relação indissociável entre corpo e texto literário.

O primeiro aspecto se concentra na ideia de que a leitura literária é uma *vivência do corpo*: onde se inscreve – olhar o livro, perceber suas cores, forma, configuração, organização dos sinais gráficos; tocá-lo, sentir sua textura, o cheiro, peso ou leveza, maciez ou aspereza; o cuidado no jeito de sustentá-lo, ao manuseá-lo e percebê-lo, imediato, como um objeto de ficção – por meio da experiência sensorial.





Já o segundo aspecto sugere a ideia de que a leitura literária é uma *vivência no corpo*: onde se realiza – o contato com a história, o envolvimento emocional com o desdobramento do enredo, possíveis ações advindas desse envolvimento; apreensão e atribuição de sentidos atravessados na organização e apropriação dos mecanismos da linguagem; as vivências cotidianas de encontros e desencontros que estreitam ficção e realidade, conhecimento de mundo e das relações humana.

Por último, a ideia sugestiva de que a leitura literária é uma *vivência para o corpo*: percepção dos afetos – acesso a estados emocionais distintos; o afloramento de sensações de prazer ou fruição; todas as vivências ligadas ao campo das paixões.

Toda poesia atravessa, e integra mais ou menos imperfeitamente, a cadeia epistemológica sensação-percepção-conhecimento-domínio do mundo: a sensorialidade se conquista no sensível para permitir, em última instância, a busca do objeto. Nossos “sentidos”, na significação mais corporal da palavra, a visão, a audição, não são somente as ferramentas de registro, são órgãos de conhecimento. [...] Minha leitura poética me “coloca no mundo” no sentido mais literal da expressão (ZUMTHOR, 2007, p. 81).

Em suma, ao entender o corpo como o lugar das pulsões – território das paixões –, a leitura literária atua como uma vivência corporal em diferentes aspectos e perspectivas, pois se tudo o que me afeta atravessa meu corpo, uma vez que o corpo também atua no campo das emoções, os efeitos que a leitura de um texto de literatura provoca no corpo suscitam reações das mais diversas, sensações singulares sejam elas visíveis ou não. “O texto funciona como um “organismo vivo”, ligado ao leitor e fornecendo um inventário de estímulos – significantes, aos quais o leitor responde com suas disposições representativas” (ISER, 1979, p. 275). Ao ler, o leitor compreende o enredo, estabelece relações, desnuda e atribui significados e se redescobre como parte do mundo. O corpo é este

leitor aberto, sensível e possível de ser afetado pela experiência da leitura que o vivifica e faz viver a fantasia.

De qualquer modo, o texto literário só se efetiva como “materialidade”, ou seja, como um “organismo vivo” capaz de provocar afetos por intermédio da ação da leitura; porque sendo a leitura literária encontro e confronto pessoal consegue comunicar, e ao comunicar alcança no corpo do leitor seu grau máximo de sentido e representatividade, consuma-se.

### **Um corpo para os afetos**

Corpo-presença, corpo-silêncio, corpo-memória. Perceber o corpo na relação dinâmica de movimento constante de interação, suscetível a sofrer mudanças, e marcado por sensações que o afetam no encontro com outros corpos, em referência ao pensamento de Espinosa<sup>3</sup>, me aguça a ideia de figurar um corpo-plural feito dos estados de percepção desse mesmo corpo e que se manifesta conforme os modos de perceber e de perceber-se no mundo. A isso reafirmo a percepção do corpo como extensão do texto literário: do leitor ouvinte que observa a obra a partir do corpo que a lê; do leitor da vez por meio de seu corpo atuante em sala de aula no processo da leitura.

Percebo com meu corpo: toco a textura, ouço a voz, o som pulsante da respiração, sinto o cheiro, provo o sabor, acolho as imagens e nele organizo as condições necessárias para a construção do conhecimento ao “integrá-lo” à obra de ficção, pois “não somente o conhecimento se faz pelo corpo, mas ele é, em seu princípio, conhecimento do corpo” (ZUMTHOR, 2007, p. 78). É a percepção quem costura o tecido dos sentidos e dá consistência ao imaginário, faz-se “materialidade” por intermédio do corpo, e são esses atributos que compõem o cerne da leitura poética e que também devem ser vistos como valor imprescindível no processo



de mediação da leitura – a propósito de nosso segundo questionamento introdutório.

Ora, se entendo que a leitura não exclui o corpo como também não está fora dele, ao perspectivar o corpo como extensão do texto literário, e em resposta aos efeitos sensoriais que o ato de ler ou o simples contato com a obra de literatura provocam e faz alterar o estado natural do corpo, interessa-me, aqui, estreitar o diálogo entre corpo e leitura literária no traço de discussões que os aproximam. Um dos temas que atualmente se mostra aos holofotes dessas práticas de leitura diz respeito à oralidade, o que não custaria entender o posicionamento de Zumthor ao afirmar que “a leitura do texto poético é escuta de uma voz” (2007, p. 87).

A apreciação de trabalhos sobre a importância da voz é revisitada por críticos e estudiosos da leitura literária, cuja pesquisa se concentra na valorização da leitura oral e, em alguns casos específicos, da leitura oral do poema – mesmo havendo discordância de opiniões. No que se refere às práticas pedagógicas voltadas ao estudo do poema, a voz deveria ocupar o centro da ação de ler e contribuir para um percurso inverso do modelo comumente adotado que tende a priorizar, como frequentemente acontece com as narrativas literárias, as interpretações do poema sob a influência da tradição retórica e das correntes teóricas da crítica literária.

Do ponto de vista da “regra geral”, espera-se, como resposta à leitura de um poema lido em sala de aula, que os signos textuais sejam decodificados, que se definam a estrutura e o movimento estético marcado num período histórico, e que haja atribuição de sentidos por parte dos alunos-leitores – quase sempre conforme às respostas oferecidas no livro didático, ou, no caso do ensino superior, em consenso com a argumentação analítica de algum especialista no assunto, mas não é de todo um erro desde que outras vivências com o poema – ou outro texto de literatura – sejam possíveis de serem experienciadas.

Em harmonia com José Helder Pinheiro Alves, o que não há em muitas práticas pedagógicas é “uma aproximação mais afetiva

do texto, a possibilidade de destaque para uma paisagem, um ritmo diverso, uma sonoridade” (2008, p. 20). E não se trata de excluir um modelo em detrimento de outro – todos os aspectos apresentados no parágrafo anterior ocupam um lugar de importância na formação do sujeito, mas faz-se necessário que o poema seja percebido para além de um “objeto” apenas de estudo crítico: trata-se de “[...] um elemento fundamental de educação da sensibilidade” (ALVES, 2008, p. 25-26).

Ainda que a linguagem poética se destine à fala/voz, vale a ressalva de que não se trata, simplesmente, de sonorizar a leitura sem a devida adequação das variações de tom e ritmo como se se tratasse de um evento comum de leitura oralizada. Contudo, as “diferentes e repetidas leituras orais em sala de aula podem ajudar o leitor a encontrar, além do tom adequado, o andamento mais preciso que poderá detonar a percepção do “sentimento” que o poema comunica” (ALVES, 2008, p. 25). André Spire<sup>4</sup> assinala que a verdadeira força expressiva das palavras se atualiza por uma ação vocal.

Mas não proponho mediar valores das práticas de leitura, se oral ou silenciosa, se individual ou coletiva: todas tomo por válidas. Interessa-me auscultar a relação que o texto literário estabelece com o corpo no processo de ação da leitura. Digo, apenas, que na leitura de um poema, a voz pede passagem: o corpo precisa ouvi-la, percebê-la, vê-la manifestar-se em seu território de sensações, e para isto deve-se estar aberto as vozes que ressoarão do poema na voz do leitor. A leitura de um poema deve ser, antes de tudo, um exercício do corpo para a percepção e refinamento das emoções: sentir a beleza com a ponta dos dedos, com o corpo todo, sentir-se parte da mesma beleza.

Em acordo com Roger Chartier<sup>5</sup>, “a leitura não é somente uma operação abstrata de inteligência; ela é engajamento do corpo, inscrição num espaço, relação consigo e com os outros”. Digo que a voz que é manifestação de um corpo torna-se um corpo-presença



numa relação de leitura afetiva com a literatura – e de outra perspectiva não menos relevante, torna-se um corpo-silêncio quando, na intimidade de voz interiorizada, vivencia o prazer/fruição desses afetos numa leitura silenciosa.

A compreensão que a leitura opera, é fundamentalmente dialógica: meu corpo reage à materialidade do objeto, minha voz se mistura, virtualmente, à sua. Daí o “prazer do texto”; desse texto ao qual eu confiro, por um instante, o dom de todos os poderes que chamo *eu* (ZUMTHOR, 2007, p. 62).

A propósito, seria um desacerto tratar sobre corpo e leitura no exercício próprio do ensino da literatura onde, suponho, a leitura seja um predicativo, sem notar questões de sexualidade que atravessam certas obras de ficção e que, não raras as vezes, são postas como empecilho à leitura e discussão em sala de aula. Ao defender a ideia de um corpo como extensão do texto literário, não posso ignorar a presença do poético-erótico e as múltiplas formas de percebê-lo.

Retomando a afirmativa de Zumthor (2007, p. 81) quando diz que “toda poesia atravessa, e integra mais ou menos imperfeitamente, a cadeia epistemológica sensação-percepção-conhecimento-domínio do mundo”, o tema sexualidade/erotismo não deveria ser ignorado, posto que no instante em que o discurso poético coloca meu corpo no mundo, assume outras perspectivas de diálogos com este corpo em suas diferentes formas de se perceber no mundo: um corpo de percepção do poético-erótico, um corpo pulsante de desejo imanente. E falar de um corpo pulsante, no mundo, é também situá-lo no campo das paixões.

Mas, à parte os ares de ingenuidade, pensar literatura e sexualidade/erotismo pode ser ultrajante às convenções que se respaldam em discursos moralizantes de controle do corpo, ou, como aponta Emerson Inácio (2011), pode ainda rasurar a lógica

da crítica de senso comum que intenta restringir o naturalmente estético – a literatura – à compreensão de outros fenômenos para além do campo literário. Mas se compreendo a leitura literária como uma vivência corporal – do corpo, no corpo e para o corpo – impor o apagamento das narrativas que personificam a presença do erótico na obra de ficção seria, de certo modo, querer apagar o corpo de sua disposição natural ao desejo.

A literatura não apenas acentua a presença de um corpo-poético-erótico nas narrativas de ficção, como integra esse corpo àquilo que é de sua natureza – a sexualidade como elemento necessário à vitalidade do corpo. Essa intrínseca relação que o poético-literário estabelece com o corpo implica no todo ideal da imitação ou representação ou espelhamento da vida humana e, por isso, faz reverberar no corpo dos leitores a depuração ou afirmação das paixões pelas quais são afetados no processo da leitura. Isso significa dizer que o corpo, enquanto extensão do texto literário, não pode se auto excluir daquilo que é parte de si mesmo – a sexualidade.

Embora a sexualidade não deva ser negada, as representações do poético-erótico na literatura não precisam se restringir à dimensão de questões puramente sexuais, mas também para perceber o lugar de Eros e do erotismo como uma força que nos impulsiona para a ação – a concretização do real. As paixões abarcam impulsos que predis põe o corpo ao movimento, à consumação de experiências palpáveis, sensíveis e subjetivas.

Nisso também reside a força da obra de literatura: possibilitar a experiência de emoções pouco ou já conhecidas, sentimentos dos quais o leitor se percebia indiferente, além de revelar a urgente necessidade em desconstruir pré-conceitos no modo como percebermos o outro em seu lugar de desejo e, finalmente, sem pretender estremar as funções do efeito estético da literatura, de nos tornar participantes da potência transgressora da linguagem literária, por ser ela própria um “[...] veículo capaz de fazer circular



as “verdades” impossíveis de serem ditas ou de se inserirem na ordem dos discursos totalitários” (INÁCIO, 2011, p. 107).

Por fim, as representações do poético-erótico marcado num texto literário, bem como a percepção dos afetos reconhecidos pelo leitor ao dialogar com as disposições representativas de seu corpo na materialidade do objeto literário, findam por acionar dispositivos de controle sempre e quando o corpo e sua sexualidade aproxima as práticas e mediação da leitura de literatura do território das paixões – o professor na função de leitor/mediador, raramente situa o lugar de Eros ou do erótico em sala de aula. A esse respeito, no capítulo *Eros, erotismo e o processo pedagógico*, Bell Hooks (2013) avança nas discussões sobre a importância de compreender as paixões, especificamente a força atuante de Eros como um elemento capaz de favorecer o processo de aprendizagem e dinamizar as práticas pedagógicas.

A compreensão de que Eros é uma força que auxilia o nosso esforço geral de autoatualização, de que ele pode proporcionar um fundamento epistemológico para entendermos o que sabemos como sabemos, habilita tanto os professores quanto os alunos a usar essa energia na sala de aula de maneira a revigorar as discussões e excitar a imaginação crítica (HOOKS, 2013, p. 258).

Afirmo, em concordância com Hooks (2013), que não há como entrar em sala de aula e ignorar a materialidade do corpo como se apenas a mente estivesse presente – como se a mente fosse uma parte isolada do todo. “Entrando na classe determinados a apagar o corpo e nos entregar à mente de modo mais pleno, mostramos por meio do nosso ser o quanto aceitamos o pressuposto de que a paixão não tem lugar na sala de aula” (2013, p. 254). Talvez seja este um comportamento bastante comum, adotado por professores do ensino da literatura e mediadores da leitura literária – ainda que de forma inconsciente.

O senso comum de que o corpo fala – de que há uma linguagem do corpo – pode bem servir para que se pense sobre a postura assumida pelo professor ao ler um texto de literatura, e desconfio que dependendo de qual seja a maneira no trato com a leitura, a disposição do corpo é capaz de interferir positivamente ou negativamente na recepção dos leitores – em se tratando de uma leitura coletiva em sala de aula. Agora direi por experiência própria: atitudes simples no ato da leitura como pôr-se em movimento, uso expressivo de gestos simples, variações no tom da voz; olhar que ora se dilata, ora se afunila como para acompanhar as sensações que as palavras imprimem ao texto poético-literário, sem intenções de apontar um determinante, podem despertar paixão pelos livros, gosto pela leitura, e até “resignificar” o horizonte de expectativas desses leitores.

Admitir que o ato de ler é também da ordem do corpo, implica dizer que assumir uma corporalidade que favoreça ideias de desânimo, indiferença ou mesmo despreço pela literatura ou por um determinado gênero literário, corre-se o risco de anular o prazer/fruição da leitura, inibir a prática perceptiva dos sentidos para refinamento das emoções e ainda interferir nos efeitos de recepção – porque o corpo não só reage aos estímulos provocados pelo texto literário, como também pode ser afetado pelo modo como o professor imprime a leitura em seu próprio corpo.

Minha experiência como professor de literatura, tanto no Ensino Fundamental e Médio quanto no Ensino Superior, no curso de Letras, me fez perceber intuitivamente – ou talvez por minha experiência nas Artes Cênicas – que determinada postura de meu corpo no processo da leitura causava efeitos na recepção da obra, por parte dos alunos. Nunca deixei de declarar minha paixão pela literatura, expressivamente marcada no meu corpo, e quando falo *corpo* me refiro, ainda, a cada parte que configura o conjunto de minha gestualidade e voz, sempre e quando me reporto ou leio literatura. Um exemplo simples, porém de muito valor: “É que o senhor, professor, faz a gente gostar de ler literatura<sup>6</sup>.”





Na medida em que os professores contribuem com essa paixão, que tem de ser baseada fundamentalmente num amor pelas ideias que conseguimos inspirar, a sala de aula se torna um lugar dinâmico onde as transformações das relações sociais se atualizam concretamente e a falsa dicotomia entre o mundo exterior e o mundo interior da academia desaparece (HOOKS, 2013, p. 258).

Iniciei este exercício reflexivo buscando observar a relação entre leitura e corpo como um território possível para a vivência de emoções e de como o corpo é fundamental nas práticas de leitura e ensino da literatura. Resta-me ajustar as pontas, em cumplicidade com os autores aqui referenciados, e reforçar o postulado de que a paixão/ardor é o lugar primordial do corpo do professor/mediador e do leitor, ambos operadores do ato de ler literatura: um corpo “território” para o poético, um corpo como extensão do texto literário. Zumthor é quem diz que “o texto vibra; o leitor o estabiliza, integrando-o àquilo que é ele próprio. Então é ele que vibra, de corpo e alma” (2007, p. 53). Ouso dizer que um corpo atravessado por afetos, dada a íntima relação com a literatura, é a própria paixão figurada.

Mas é preciso um apaixonar-se contínuo pela literatura para fazer pulsar leitura e corpo como um coração-corpo que ao pulsar se dilata, batendo espesso – em alusão ao verso de Hilda Hilst<sup>7</sup>. É preciso que se vivencie um corpo-plural nos instantes de leitura e mediação da leitura, um corpo dilatado e espesso que se fixe ao olhar do leitor e o convide à pausa do ritmo, a fluidez das sensações. É preciso integrá-lo à vivência da leitura, fazer-se corpo-plural em profunda relação com a leitura literária, um corpo que se desdobra em figurações de um corpo-presença, corpo-silêncio, corpo-memória...

## Referências

ALVES, José Helder Pinheiro. **Caminhos da abordagem do poema em sala de aula**. Graphos – Revista da Pós-Graduação em Letras. Vol. 10, n. 01, 2008. João Pessoa: Ideia/Editora Universitária, 2008.

CANDIDO, Antonio. O Direito a Literatura. In: **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul | São Paulo: Duas Cidades, 2004.

COMPAGNON, Antoine. **O Demônio da Teoria**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

COSSON, Rildo. **Letramento literário – teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2016.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir – a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

INÁCIO, Emerson. **Literatura e Sexualidade: o que pode um corpo**. Revista Alere, 2001.

ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: **A literatura e o leitor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MELO, Matteus. *Ler Literatura: que prazer é este?* In: **Reflexões, Perspectivas e Práticas no Estágio Supervisionado em Letras**. Cáceres: Editora Unemat, 2018.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: CosacNaify, 2007.

## Notas

<sup>2</sup> Em *Perspectivas no estudo da leitura: texto, leitor e interação social* (1999 apud COSSON, 2016, p. 38-40).

<sup>3</sup> Em *Ética*, de Espinosa (2017); *Gilles Deleuze – um aprendizado em filosofia*, de Michael Hardt (1996).

<sup>4</sup> SPIRE (1986 apud ZUMTHOR, 2007, p. 84).

<sup>5</sup> CHARTIER (1999, p. 16 apud ALVES, 2008, p. 26).

<sup>6</sup> Turma 2017.1 do Curso de Letras da Universidade do Estado do Mato Grosso/UNEMAT.

<sup>7</sup> Ver a epígrafe deste ensaio.

Recebido em 29/07/2020

Aceito em 16/08/2020